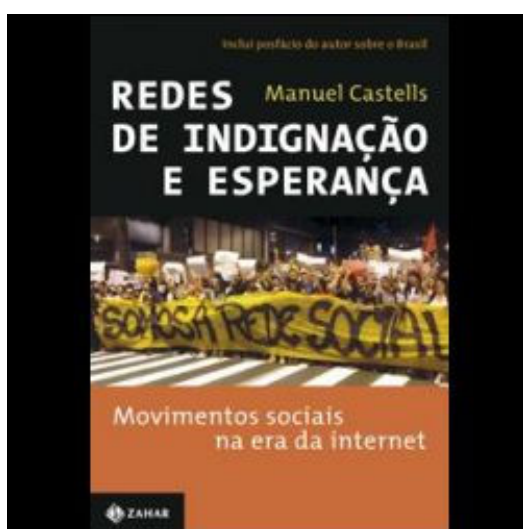


RESENHA

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013, 276p.

A multidão eletrônica e a ubiquidade do seu poder transformador

RENATO NUNES BITTENCOURT*



Tudo o que é hegemônico se desmancha nas ondas do ciberespaço. O livro de Manuel Castells, *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*, oportunamente é lançado no mercado editorial brasileiro em um momento de convulsões sociais, aproveitando as ondas de manifestações contra os ditames de nossa política espetacularizada, que aplica maciçamente dinheiro público em prol da realização de eventos esportivos e deixa de lado investimentos em educação, saúde e assistência social efetiva. A presente edição é contemplada ainda com um posfácio do autor onde se dissecam as causas sociais das nossas manifestações, que não foram apenas pela diminuição do preço das passagens dos transportes públicos,

mas pela transformação de nossa ordem política e o desbaratamento da súcia de canalhas agregados ao poder.

O grande estranhamento para os poderes constituídos dos governos de todo o mundo reside no caráter difuso desses movimentos revolucionários de contestação dessa ordem autoritária que legisla não em nome do povo, mas em favor de interesses plutocráticos corporativos. As redes sociais da Internet se configuram como as novas ágoras do debate público de uma Multidão que não encontra mais representatividade nas castas políticas tradicionais corrompidas e burocratizadas.

As corporações midiáticas, promiscuamente associadas aos podres poderes estabelecidos, defensoras das elites econômicas, vituperam contra essas mobilizações populares, pois temem perder seus privilégios materiais conquistados justamente através da manipulação ideológica das informações que impossibilitam a formação de uma esfera pública esclarecida e capaz de participar com autonomia das atividades políticas e suas inerentes decisões. Nessas condições, discursos que achincalham os movimentos populares se tornam uma constante, pois assim se favorece a construção de uma imagem negativa

junto ao público dessas mobilizações contra os ditames dos políticos inescrupulosos. Todavia, os processos comunicacionais das redes sociais se estabelecem como elos criativos da inteligência coletiva que, em sua essência, é ubíqua e descentralizada e, desse modo, não obedecem ao crivo dos aparatos detentores da informação oficial.

A unidade da Multidão ocorre pela comunhão dos seus sentimentos de indignação perante toda sorte de humilhações e escárnios cotidianos produzidos pela corja política que comete suas atrocidades impunemente contra os cidadãos. O medo afasta os indivíduos da esfera pública, mas a indignação, o amor pela liberdade e a esperança por transformação é capaz de uni-los em sua luta contra a ordem política vigente. Em muitas circunstâncias, é a divulgação de uma imagem de violência desmedida das forças policiais contra um cidadão desarmado que desencadeia uma série de protestos contra as arbitrariedades governamentais, mobilizando em pouco tempo uma grande coletividade que toma os espaços físicos da cidade na sua luta por reconhecimento.

Podemos afirmar que muitas revoluções sociais da era da Internet nascem no espaço virtual, que é real, e encontram sua convergência nas dimensões físicas da cidade. Nessas circunstâncias, o espaço público de nossa atual organização civilizacional não pode mais ser apenas mensurado em suas dimensões extensivas, mas também nas intensivas, ou seja, no ciberespaço. Eis um dos motivos pelos quais as agências de controle social demonstram tantas ressalvas em relação aos processos comunicacionais na Internet, pois os clamores revolucionários são emitidos de pontos descentralizados. O espírito

revolucionário presente nas agregações promovidas pela Internet não nega o caráter territorial das revoluções ocorridas ao longo da história humana; em vez disso, ele o estende do espaço dos lugares para o espaço dos fluxos.

A horizontalidade das redes sociais favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo em que reduz a necessidade de liderança formal. Isso não significa que tais movimentos necessariamente sejam apartidários, conforme alguns ideólogos tentaram cancelar acerca desses movimentos. De fato, ocorre a crise da representatividade de partidos políticos cada vez mais alheios aos interesses imediatos dos seus eleitores e da população como um todo, mas tal orientação axiológica não implica na negação pura e simples de partidos estabelecidos; entretanto, ao mesmo tempo, os movimentos contra hegemônicos nascidos nas redes sociais evidenciam que é imprescindível uma nova forma de atuação política, que necessariamente não se encontre na obrigação de segmentação partidária. Por que temer a possibilidade de instauração de uma democracia direta? A quem interessa esse medo?

Apesar das diferenças culturais e das causas sociais das multidões envolvidas nos protestos contra os governos cada vez mais afastados das demandas populares, pontos em comum são identificáveis por quem se propõe a analisar esses movimentos sociais sem os preconceitos próprios dos espíritos reacionários: luta contra a corrupção, clamor contra o sucateamento dos serviços públicos, indignação pelo desemprego, revolta contra o apoio oficial aos especuladores financeiros. Desse modo, podemos considerar que o projeto iluminista de estabelecimento de uma razão universal, obliterado pela

conversão do progresso científico em um regime tecnocrático anulador da vida humana e do meio ambiente, encontra um lampejo de luminosidade na grande ágora virtual da Internet, justamente por fazer de cada usuário um homem livre para expor suas ideias sem depender do crivo externo de editores e buscar associações criadoras pautadas nas suas afinidades eletivas.

Embora os contextos sejam distintos, a crise é basicamente a mesma – as pessoas não confiam mais nas instituições e buscam novas formas de participação na vida política. A hipocrisia dos poderes instituídos diante da efervescência explosiva desses movimentos se externou pelo questionamento sobre o que querem essas multidões e quem são seus líderes e objetivos políticos. Ora, são movimentos sem demandas cristalizadas, o processo de transformação é a própria mensagem. Mas se identificarmos objetivos, poderíamos proclamar categoricamente: o direito de reconquista da liberdade cidadã, o direito de se afirmar o espaço livre da esfera pública, privatizada pelas corporações empresariais, o direito humano de ser mais.

Manuel Castells, exímio intérprete das comunicações da era eletrônica, lega ao público mais uma contribuição valiosa para o estudo desse tema atualíssimo da filosofia política, as manifestações das multidões na sua luta radical contra o

poder autoritário e suas redes de violência física e simbólica cometidas contra a vida cidadã. Perante uma realidade cada vez mais desencantada perante escândalos políticos, falcaturas econômicas, crises ambientais, precarização da vida, resta ainda o sentimento de esperança de recriação de uma nova ordem mundial, nascida do sangue de homens que perderam suas vidas graças ao arbítrio desumano de regimes plutocráticos comprometidos apenas com a satisfação de interesses materiais de uma elite encastelada no luxo de sua existência asséptica, das lágrimas de pessoas humilhadas pelo roubo de sua cidadania e pelo sorriso decorrente de que a união difusa da Multidão pode talvez destruir as estruturas corruptas pelas quais se sustentam os governos nacionais. Os tiranos modernos podem cortar a conexão eletrônica dos internautas-ativistas políticos, podem monitorar as comunicações de cada célula da Multidão Virtual, mas são impotentes para bloquear suas ações transformadoras. O amor ao existir prevalece e, nessa onda criadora de novos elos de humanização, os poderes alheios aos interesses genuínos da esfera pública ruirão como castelos de cartas. A Multidão Eletrônica escreverá uma nova história.

*Recebido em 2013-09-02
Publicado em 2013-11-11*



*

RENATO NUNES

BITTENCOURT é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor da Universidade Cândido Mendes/ Professor da UNIABEU/ Professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA/Membro do Grupo de Pesquisa Spinoza & Nietzsche.